

10 JUL 1984

## Melhora a cotação na Suíça

por Alair Barbosa  
do Rio

Melhorou a cotação dos bônus brasileiros lançados no exterior. Segundo acompanhamento feito pelo União de Bancos Suíços (UBS) no mercado secundário daquele país — a pedido do Banco Central brasileiro —, os papéis lançados pelo Brasil no final da década passada e que ainda estão em circulação ganharam até 8 pontos percentuais em suas cotações nos últimos doze meses. Isso ocorreu com o bônus lançado pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) — em 1978 (resgate em 1990), com juros nominais de 4,75% ao ano e garantia do Tesouro Nacional.

Em junho do ano passado, a cotação desse título no mercado secundário equivalia a 64% do seu valor nominal. No final do ano passado, o preço do papel subiu para 72% do valor nominal.

MEXICANOS  
VALEM MAIS

O mesmo ocorreu com os outros quatro papéis que o UBS acompanha a pedido do Banco Central do Brasil (ver quadro). Também os títulos mexicanos valem mais atualmente. Um bônus lançado pela Comisión Federal de Electricidad de México, em 1977, com juros

de 5,5% ao ano e resgate em 1987, estava sendo negociado no mercado secundário por 78% do seu valor nominal há um ano. Agora, em junho passado, o seu preço subiu para 86,75%.

O BC pediu ao UBS para que, juntamente com os papéis brasileiros, forneça os preços de cinco outros tipos de título, para visualizar melhor o mercado.

Para o representante do UBS no País, Norbert Muller, essa melhora na cotação dos papéis brasileiros é um reflexo do bom comportamento das contas externas nacionais. Segundo ele, os superávits na balança comercial brasileira estão ultrapassando em muito as previsões mais otimistas traçadas no início do ano. E isso reforça a capacidade do Brasil de manter em dia os seus pagamentos no exterior.

INFLAÇÃO  
PREOCUPA

O único ponto que preocupa efetivamente os banqueiros na área econômica, ainda segundo o representante suíço, é a resistência da inflação. E ele acha que uma das causas para os preços se manterem tão rígidos é a excessiva indexação da economia do País. "Os aumentos são quase todos automáticos e tomam por base a inflação passada", lamenta Muller. Para ele, o governo deveria proceder a expurgos graduais na correção monetária, de 1% ao mês, para quebrar a espiral inflacionária.

Mas, apesar de os preços estarem caminhando num ritmo que os banqueiros consideram muito veloz, Muller não vê problemas para o Brasil captar os recursos de que necessitará em 1985. Ele apenas acha que a forma de empréstimo-jumbo talvez não seja a mais adequada. Na sua visão, deveria-se partir, para a capitalização dos juros, ou seja, a transformação imediata de no-

pelas instituições de menor porte.

A CAPITALIZAÇÃO  
DOS JUROS

Esse sistema não encontraria obstáculos grandes da parte dos bancos europeus, diz Muller. Mas ele reconhece que os banqueiros norte-americanos ainda hesitam em adotar essa mudança devido à legisla-

ção bancária daquele país. "E só mudar a legislação, o que não é complicado", complementa. E, segundo ele, os banqueiros europeus estão pressionando os seus colegas americanos para que busquem uma mudança na legislação bancária, justamente para permitir a capitalização dos juros de países como o Brasil.

OS TÍTULOS BRASILEIROS NA SUÍÇA \*

PAPEL	JUROS	MATURIDADE	30.06.83	31.12.83	30.06.84
Tesouro Brasil	5%	1977/87	72,5	79,0	78,5
Comisión Federal de Electricidad de México	5,5%	1977/87	78,0	84,5	86,75
Tesouro do Brasil	4,25%	1978/88	70,0	70,0	72,5
European Inv. Bank	6,50%	1978/88	102,5	102,0	102,5
CVRD	4,75%	1978/90	64,0	64,0	72,0
N-Kommwalbank (Noruega)	4,25%	1978/90	95,5	94,5	95,0
BNDES	5%	1978/88	73,5	70,0	81,5
BID	6%	1973/88	103,0	101,5	100,0
BNDES	5%	1979/89	70,0	66,0	75,0
BIRD	4,625%	1979/89	96,0	95,5	96,0
* Valor nominal igual a 100,00					
Fonte: União de Bancos Suíços					

vos empréstimos dos juros vencidos. Esse sistema seria muito menos trabalhoso de ser negociado e traria uma vantagem adicional aos grandes bancos: todas as instituições que financiam o Brasil manteriam a mesma posição original. Com isso, evita-se o ocorrido neste ano, quando os grandes tiveram de cobrir o "buraco" não atendido